

ARAZÃO



Orgão do Partido Republicano Português

DIRETOR POLITICO—Mannel Tavares Paulada
 Secretario da Redacção—José Joaquim Gregorio
 Não serão restituídos os autógrafos embora não publicados
 ASSINATURAS—(Pagamento adiantado) Ano, 1\$; semestre, \$50.
 Para fóra: Ano, 1\$20; semestre, \$60; avulso, \$02.
 PUBLICAÇÕES—Anúncios, \$06 a linha; permanentes, contrato especial. Comunicados, \$08 a linha.

PUBLICAÇÃO SEMANAL
 Propriedade do
 CENTRO REPUBLICANO DEMOCRATICO
 ALDEGALEGA

ADMINISTRADOR—Joaquim Maria Gregorio
 Editor—Joaquim Maria Gregorio
 Endereço telegráfico—Razão—Aldegallega
 A correspondencia deve ser dirigida ao director.
 Redacção e Administração—A. A. José d'Almeida—Aldegallega
 Composição e impressão, rua Almirante Candido dos Reis,
 126, 2.º—Aldegallega



5 DE OUTUBRO DE 1918

Passou no sábado ultimo o oitavo aniversario da implantação da Republica. Aldegallega, cuja população mantém integras as mais elevadas e puras tradições republicanas, impoz neste dia á comemoração do oitavo aniversario do início da sua libertação um cunho de ardente entusiasmo a que ha muito não estavamos acostumados. Aos suavissimos acordes da «Portuguesa» juntava o povo o clamor férvido dos seus vivas e das suas saudações ao regime imposto em Cinco de Outubro de mil novecentos e dez e aos homens eminentes que tem mantido intacta a pureza das suas convicções republicanas. O povo de Aldegallega queria assim mostrar que é inquebrantavel o seu espirito progressivo. Nesta hora de suprema angústia para a Republica, em que os seus mais acerrimos defensores são perseguidos e vexados, em que se estrangula a voz sublime da imprensa e em que se tapa a voz do povo, proibindo-lhe os comícios, este povo trabalhador desta honrada terra quiz patentear bem alto o seu inveterado amor ás instituições democraticas, únicas compatíveis com a razão e com a justiça.

Não se iludam os governantes. Podem todos aqueles que os cercam, na ancia de bajularem para conseguirem os seus fins, tecer-lhes os maiores encomios e fazer-lhes as mais fantasticas afirmações de simpatia e de bem estar, que não conseguem, por forma alguma, ocultar a realidade dos factos. Muito pelo contrario esses conselheiros e adutores nada mais conseguirão fazer do que iludir o ânimo dos dirigentes, obrigando-os a subir cada vez mais a rocha Tarpeia

donde um dia se precipitarão desgraçadamente. O povo português ancia pela reconstituição da sua democracia, pura como vinha sendo nas suas intenções e mais forte ainda na sua acção para com os seus adversarios para não experimentar surpresa alguma humilhante como a de 5 de dezembro de 1917.

CARTERA ELEGANTE

Aniversaries

Fazem anos:
 Hoje o sr. Vitor Fernandes Guerra.
 —Amanhã a Sr.ª D. Maria Emilia Alves Moutinho.
 —No sabado a Sr.ª D. Rita de Jesus Carvalheira.
 —Na segunda feira o Sr. Diogo Rodrigues de Mendonça.
 As nossa felicitações.

Monte-pio Conceição

Quando nos dispunhamos a escrever sobre o assunto a que por varias vezes aqui temos tratado, foi-nos apresentada a seguinte carta que, com muito gosto, vamos transcrever, mas antecipadamente declaramos que não nos convence o seu conteúdo pois temos as nossas razões e, enquanto não nos forem apresentadas provas mais palpaveis, não nos damos por convencidos; e fica o caso liquidado neste ponto.

Segue a carta:

Sr. *Rivera*:—Tendo lido todas as noticias que «A Razão» tem publicado sobre o caso do Monte-pio Conceição e, vendo no seu último número umas referencias ao Soares, nas quais dá a entender que ele pagou uns bailes no

Samouco, venho declarar-lhe que efectivamente esses bailes se deram, mas que não foi ele quem pagou, simplesmente porque bailes não são géneros que se comprem e se vá pagar a quem os vende, mas sim divertimentos que se promovem e se pagam as despesas e essas creio que não foi só ele quem as pagou.

De V. Mt.º Obgd.º

M. G.

Omitimos o nome do signatario porque o conhecemos pessoalmente e temos a devida confiança e ainda acreditamos na sua boa fé; mas o que é certo, é que a sua carta nada destroa do que aqui dissemos, antes pelo contrario.

Do que aqui temos tratado é ainda de tudo que na Associação fizeram os cidadãos que ali mandayam, muito pouco e estamos certos que ainda havemos de dizer o que sabemos e o que viermos a saber, pelo que tudo se ha de esclarecer.

Assim como nós, ha de haver muita gente que lhes custe acreditar como um ordenado tão pequeno, como o Soares dizia ganhar, chegava para tantas coisas; passeios diarios ao Samouco em bicicleté (de noite), cartões de visita de todas as formas e feitios, os tais bailes, que os amigos de passeio declaravam serem oferecidos pelo criado da farmacia do Monte-pio, bem como lutas refeições fornecidas pelo Pataquinho.

Donde vinha então o dinheiro para isso?

No entanto o principal culpado, conforme o relatório aponta ser o «guedelhudo», muitas vezes disse a quem o quiz ouvir, que de quando em quando ia conferir o apuro da gaveta com o livro e encontrava sempre dinheiro a mais do que estava mencionado. Como se entende isso?

Ainda no dia em que foi encerrada a farmacia lá estavam 13 centavos na gaveta que no livro não estavam mencionados.

Porque não foram mencionados?

E até que novamente foi reaberta a farmacia os 13 centavos lá andaram.

O nosso amigo que nos escreveu, perdeu uma boa ocasião para deixar estar quieta a cané-

ta. Melhor seria que procurasse convencer o Soares a tomar brometo que a medicina aconselha a quem sofre de nervoso, ou então Rihafoles em Lisboa ou Conde Ferreira no Porto.

Acalme-se, Sr. Soares, que Roma e Pavia não se fizeram num dia, e a hora de ajuste de contas não chegou ainda.

Rivera

Situação gravissima!

E' na verdade espantoso o que n'esta vila se está passando. De dia para dia vão desaparecendo nas merciarías os géneros de primeira necessidade. Distribuíram-se tabelas do Celeiro Municipal com os respectivos preços, mas no celeiro nada ha para fornecer ás merciarías, e estas ao publico. O comercio pequeno luta com dificuldades, obrigado a pagar pézadas contribuições, sem nos estabelecimentos haver que vender. O povo pobre que trabalha levanta-se muito cedo a fim de ver se alcança algum pão, e a maior parte das vezes, no meio de tantos apertos, ainda fica sem ele. E ainda por cima alguém que vinha um dia d'estes no vapor e que não é de cá, se julga com o direito de dizer que este povo é malcriado. Nós então achámos o contrario—o povo tem sido muito benevolente, porque o roubam descaradamente, e cala-se perante tantos absurdos e pressões que lhe fazem. O empregado da padaria municipal, sr. Sequeira, esquecendo o dia de ontem, quando alguém lhe diz que quer mais pão responde com impropérios, pois tem por obrigação de ser mais delicado, e ter muita paciencia quando o povo lhe pede para lhe vender pão. Não se contenta com o que escandalosamente rouba no pezo do pão. Vê-se isto na padaria municipal, a que mais izata devia ser e para evitar que as mais padarias sigam o seu mau ezemplo, procede-se assim. O que devem fazer as outras? Emfim, o sr. Izidoro, presidente da comissão administrativa, pouco se incomoda com isto, chegando, segundo nos

consta, a mandar dizer para fóra que cá ha muito trigo, evitando assim que o Sr. Moraes comprasse a farinha que alguém lhe queria vender, e na verdade vejam muito especialmente os que deram vivas e atiraram foguetes pela entrada da «gente rica» para a Camara os que assim fizeram precisavam as ventas cheias de barro para não lhes dizermos d'outra coisa, pela bela aquisição que fizeram em meter na Camara gente que pouco ou nada se incomoda com as miserias d'este povo que trabalha, tem fome pede pão e não lh'o vendem. Ainda ha dias d'aqui viu para o Sámuco umas 10 sacas com farinha. No entanto esse pão está agora vindo de lá para aqui ser vendido com pouco mais de meio kilo por 34 centavos, ao passo que se não fôssem os caprichos d'alguem, o mesmo podia ser aqui vendido ao preço de 28 centavos cada quilo. Também ha poucos dias houve quem levasse trigo e milho que tanta falta cá nos faz, houve também quem aqui recebesse uma porção de pão de S. Francisco, e que pouco mais tinha de meio quilo, e a final aqui se vendeu publicamente a 32 e 34 centavos cada pão. Emfim, os srs. dirigentes é que são os verdadeiros culpados de tudo isto, porque os mesmos não conhecem o gosto do pão negro e e mal cosido que o povo, está gramando, e ainda por cima a uma criança que amiaça de matar e esfolar quem tiver o atrevimento de ir á sua porta pedir pão. Convém lembrar que a fome é negra, e se isto assim continuar não nos admira os maus resultados que possam aparecer.

A historia das carnes verdes tornou-se também uma coisa engraçada, pois se não fossem os protestos do povo e a imposição por parte dos dois veredores Barreiras Sobrinho e Antonio Leite, estaríamos condenados a comer toda a potreria que o sr. Rezina (?) para não dizer os Srs. Salgado & Relógio, nos quizessem impingir. Não poderíamos, por isso, de achar louvável o procedimento do sr. Barreiras Sobrinho que, percebendo a «fita» que o sr. Salgado queria preparar, impoz-se inergicamente não consentindo absurdos. Não queremos elogiar ninguém. Falámos com a imparcialidade que sempre uzámos n'estes casos, e mesmo nenhuma amizade temos com o sr. Barreiras Sobrinho; mas é nosso habito estarmos sempre a favor d'aqueles que comprehendem os seus deveres em defeza do povo oprimido, e prestes a comer gato por lebre. Não desgostamos de ouvir o «brilhante» discurso que o Sr. Antonio Salgado proferiu na ultima sessão da Camara.

Na verdade viu-se que foi muito bem estudado. Conhecemos dos verdes anos o sr. Sal-

gado de quando ele era ainda amator tauromaquico, para o que mostrava grande vocação, mas ao ouvir-o falar na última sessão se nos afigurou estarmos ouvindo um vibrante discurso d'um advogado de grande nomiada. Achámos o sr. Salgado já muito calvo, e em avançada idade para com a facilidade que vimos pegar no Código Administrativo e apontar artigos e explicar parágrafos. Desculpe sua Ex.^a que lhe diga que na sua «brilhante» defeza que faz na «Evolução», ao falar de coisas de misericórdia fez-nos lembrar o sr. Padre Antunes nos seus sermões aos fieis. Efectivamente o sr. Salgado tinha dó das mulherzinhas que levavam os chailes rasgados por o povo ser muito e haver só um talho, mas o povo compreendeu a «fita»: dois talhos e um só marchante, não é verdade?

O sr. João da Silva tem sido, até hoje, o melhor fornecedor de carnes que aqui tem aparecido. O sr. Rezina, Salgado & Relógio, é natural que pensem que o povo já esqueceu a potreria que noutros tempos nos impingiam; portanto o sr. Rezina não podia agora, sem participar á Camara, fechar o seu talho, e fechou. Esperêmos agora o resultado.

Alguns mal intencionados disseram que a carne que o sr. João da Silva distribuiu para os pobres desta vila era duma rez doente. E' isso uma grande falsidade, pois a rez antes de ser abatida foi minuciosamente inspecionada pelo sr. sub-delegado de saude, Dr. Navarro de Pava. Portanto este sr. é autoridade competente para com franqueza dizer o estado da rez.

As senhas foram todas distribuidas e assim os pobrezinhas consolaram-se de comer carne de primeirissima ordem e de graça.

Ha última hora, informamos que a camara multou em 20 escudos o marchante Rezina por ter fechado o talho sem participar á camara como é de lei.

Já-hini.

Écos e Noticias

Celeiro municipal

Tem causado engulhos aos homens da «Evolução» o facto do nosso camarada José Joaquim Gregorio ter estado a auxiliar o serviço de distribuição das senhas do assucar e insinuam *parecer-lhes* confirmar-se o boato de haver esse nosso amigo pedido a demissão do lugar que desempenha no celeiro municipal.

Ora esse nosso amigo—sabem-n'o muito bem os homens da «Evolução»—não exerce oficialmente cargo algum no celeiro municipal e por esse motivo não tem que pedir a demissão dum cargo que não desempenha. Instado pelo sr. Izidoro Maria d'Oliveira para auxiliar a fazer a distribuição das senhas, o nosso camarada imediatamente se

prontificou a isso sem ter sequer falado em qualquer remuneração pelo seu trabalho e sem mesmo saber se lh'a dariam e só depois de ter estado alguns dias a distribuir as senhas é que soube que lhe haviam arbitrado a gratificação de um escudo por cada dia de trabalho. Mas só quando trabalhava é que ganhava esse escudo e não sempre como outros que, fazendo menos, talvez trabalhem mais na opinião dos da «Evolução».

Ora a estes cavalheiros não cansa engulhos o facto de o celeiro municipal estar custando os olhos da cara, servindo apenas para distribuir algumas sacas de assucar de mez a mez e algumas arrobas de batatas que tem sido aprehendidas; não lhes causa engulhos que o tesoureiro de finanças ganhe, como director, a quantia de 45 escudos por mez e doze escudos o seu proposto Abilio da Silva Caria; que o vereador Julio ganhe por ano 250 escudos; que o encarregado, Manuel Rodrigues Brandão ganhe todos os mezes, trabalhe ou não, a importancia de quinze escudos e, emfim, que pelo armazem onde não ha feijão, nem grão, nem batatas, nem azeite e onde apenas se deposita, de tempos a tempos, umas sacas de assucar, se esteja pagando a bonita renda de 40 escudos mensais, etc. etc. etc.

Isto não tem causado engulhos aos homens da «Evolução» nem tem, sequer, merecido os seus reparos e simplesmente os incomodava que o nosso amigo José Joaquim Gregorio estivesse recebendo a importancia de um escudo, como gratificação, sómente nos dias em que trabalhava tendo sempre desempenhado esse logar com toda a correção e delicadeza, como é de todos sabido. Ora, pois...

Soma e segue

Acaba a nossa «rica» comissão administrativa, que Deus conserve por muitos anos e bons para felicidade de nós todos, de prestar mais um *beneficózinho* á agricultura local elevando a 350 o preço de cada carrada de lixo. Em nove mezes a *bagatela* d'um aumento de 333 por cento. Achamos pouco.

Foi mau o ano agricola, como todos sabem menos a nossa «rica» comissão, e por isso ela aumentou já pela segunda vez, o preço dos lixos, sem querer saber de desgraças. «Quem viér atraz que feche a porta como dizia o outro». Os nossos agricultores que se revejam n'esse espelho e que agradeçam aos illustres comissionados mais esse grande *impulso* dado ao desenvolvimento da nossa agricultura.

No regimen da fome ..

Não temos petroleo, não temos azeite, não temos assucar, não temos batatas, não temos feijão. O pão vai faltando já, ficando muita gente sem ele apesar de perderem horas e horas ás portas das padarias esperando debalde o almejado alimento e todavia não se consente que ele venha de fóra como já se não consentiu que viesse farinha que tanta falta está fazendo agora.

Carne temos tido, isso é verdade, hão e em abundancia. Mas parece que a «rica» comissão também nos quer privar d'esse género de primeira necessidade ou que voltêmos aos tempos antigos, o que não seria hoje possivel, desiludam-se d'isso.

Quererão porventura eles, em vez do racionamento, estabelecer aqui o regimen da fome? Ou dezerarão que nos aconteça o mesmo que ao cavalo do inglez que se foi d'esta para melhor quando já estava deshabitado de comer? Parece nos bem que sim.

Prisioneiros de guerra

Reuniu no preterito domingo 6 do corrente, na sala da Camara Municipal a Junta Patriótica de Aldegalega, afim

de resolver a melhor forma de prestar auxilio aos soldados de Aldegalega que se encontram prisioneiros dos alemães. Foram apresentados alguns alvitres, e por fim foi resolvido nomiar-se uma comissão para tratar com a *Comissão de Prisioneiros de Guerra da Cruz Vermelha* e combinar o processo mais rapido do auxilio a prestar não sofrer longa demóra. A Junta Patriótica reúne hoje, novamente para proseguimento dos trabalhos.

Quem são os bilontras?

Mestre Caleiro, o impagavel Caleiro que em versos de pé quebrado pedia que prendessem o dr. Antonio José de Almeida, chefe do partido onde este se diz filiado, terminava assim um dos seus ultimos aranzéis:

«Bilontras são os que afirmam coisas sem d'las terem a certeza».

Nunca mestre Caleiro disse uma tão grande verdade! E pois que foi mestre Caleiro quem, sobre a questão dos cereais aqui ventilada, afirmou uma coisa de que não tinha a certeza faltando assim á verdade, erro que podia ter evitado se sobre o assunto houvesse colhido informações do presidente do celeiro municipal e não do tezeureiro que, doente como é, talvez esteja algo desmemoriado, segue-se que é o proprio mestre Caleiro que confessa ter feito uma bilontrice, talhando a si mesmo a carapuça que lhe serve admiravelmente.

Se assim não fosse, a logica seria uma batata.

Doentes

Teem estado mal de sua saude, achando se, porém, um pouco melhores, a Sr.^a D. Maria Augusta de Ascensão Ramalhet Gomes, esposa do nosso correligionario Dr. Paulino Gomes, e os nossos presados amigos e correligionarios João Soares, Henrique Baldrico Tavares, Augusto Ramos Carneira e Antonio Joaquim Marques.

A todos desejamos um rapido restabelecimento.

A questão das carnes

Por virtude de desinteligenças entre o vereador Sr. Salgado e os restantes membros da Comissão Administrativa da Camara Municipal d'este concelho, acerca da casa do talho pediu a demissão do seu cargo aquele vereador. O Sr. Antonio Carlos das Barreiras Sobrinho, que foi quem mais se impoz na fórmula como devia ser resolvido o assunto, teve a apoia-lo o povo que enchia a sala das sessões, sendo digna do maior elogio a sua attitude, assim como a do sr. vereador Antonio Leite. Somos absolutamente insuspeitos na afirmação que fazemos, tanto mais que nenhum dos cidadãos citados nutrem forte simpatia por nós. Mas é a verdade e essa nunca a encobriremos seja a favor ou contra quem fôr. Andaram muito bem e, podem crêr, a opinião publica está com os dois vereadores citados.

Recordando...

Essa gente que defende o sr. Salgado pela attitude estranha que tomou na questão das carnes, attitude que fez com que os seus colegas o forçassem a pedir a demissão e por sua vez levou o sr. Salgado a deixar aqueles feridos de morte declarando que *des não têm autoridade moral para se manterem no seu posto*, já se esqueceu ou finge estar esquecida dos motivos que levaram alguns filhos d'esta terra a estabelecer n'esta vila, aqui ha anos, o Talho Popular quando o unico fornecedor das carnes era o mesmo sr. Salgado.

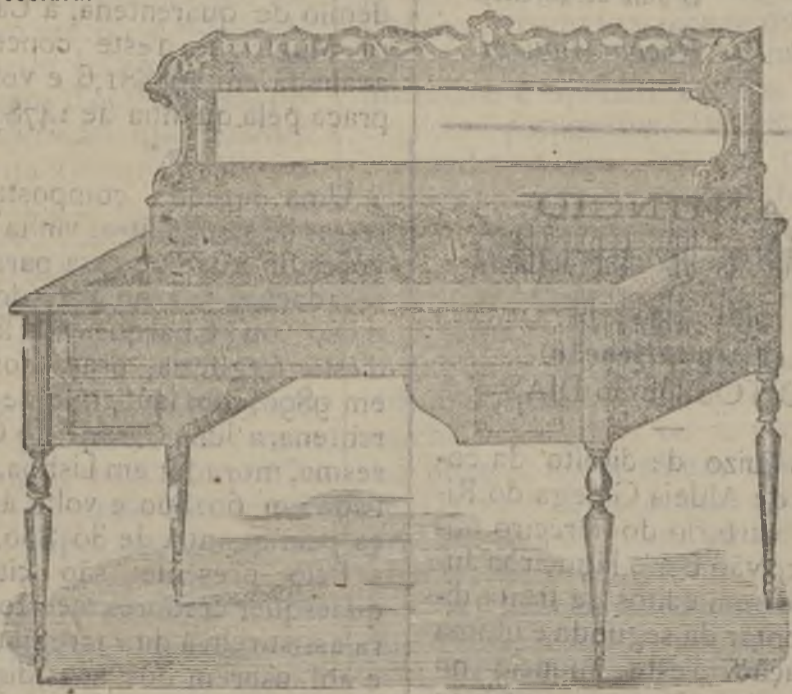
Pois nós lembramo-nos ainda e muito nos admiramos que haja alguem que o tivesse esquecido já.

Efeitos, naturalmente, do muito queijo comido...

COMERCIO POPULAR

DE
EMÍLIO PIREZ & C.^a

Completo sortimento de fazendas, de todas as qualidades. Merceria e Padaria. Variadissimo sortido de móveis de madeira e de ferro. Colchoaria e máquinas de costura.



Preços baratíssimos e sem competencia

Vendas a pronto e a prestações

Praça 5 de Outubro, 15 a 19 — ALDEGALEGA

J. M. SOUZA PEREIRA O DOCEIRO MODERNO

O mais moderno e completo tratado de confeitaria, pastelaria e doçaria, contendo centenas de receitas antigas e modernas. 1 grosso volume com perto de 800 páginas 800 réis.

Fabricação de Vinhos e Licores

Tratado theorico e pratico, contendo grande variedade de formulas para preparar todas as bebidas espirituosas como vinhos, licores, champagnes, rums, ponches, 1 vol. 300 réis.

A Cozinha Vegetariana

Explendida coleção de receitas culinarias, doces, etc., etc. 1 volume 300 réis

BIBLIOTECA DO POVO

HENRIQUE TORRES — Editor

Rua de S. Bento, 279 — LISBOA

TIPOGRAFIA MODERNA

DE
JOSÉ AUGUSTO SALOIO

Esta casa encarrega-se de todos os trabalhos tipograficos pelos preços mais reduzidos de Lisboa, encenrando-se para isso montada com maquinismo e materiais novos, de primeira ordem, para trabalhos



de luxo e fantasia Grande variedade de tipos para cartões de visita, faturas, envelopes, memoranduns, obras de livros e jornais, relatorios e estatutos, etc., etc.

TRABALHOS A CORES, OURO, PRATA E ALTO RELEVO

Encarrega-se de encadernações em todos os géneros

ALDEGALEGA

Alcool de vinho

Rectificado, de 96 graus garantidos.

Fábrica de
GREGORIO GIL

nesta vila. Mais ninguem de Portugal pode garantir aos seus Ex.^{mos} freguezes um alcool tão puro, isento de oleos e éteres e com tão alta graduação.

ANTIGA MERCIARIA

DE
JOSE ANTONIO PIALGATA

Sucessor,

Mmanuel Tavares Paulada

Géneros alimenticios de primeira qualidade.

2—Rua Magalhães Lima—4
ALDEGALEGA

JOSE TEODOZIO DA SILVA

Com fábrica de gazozas e piloritos, soda-water, licores, cremes etc, pelos sistemas mais modernos e aperfeçoados. Satisfaz-se qualquer pedido, enviando-se a remessa a casa do freguez, mesmo fora da sede do concelho.

RUA FORMOSA
ALDEGALEGA

SULFATO

ENXOFRE E OXIDINAS
VENDEM

M. S. VENTURA & FILHOS
ALDEGALEGA

PADARIA VIANENSE

= DE =

ANTONIO MORAIS DA COSTA JACOME

Pão de luxo e de familia de fabrico esmerado. Generos de merceria, bombons, chocolates, etc:

118 — R. ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS — 120
— ALDEGALEGA —

Padaria Popular

DE

JOSÉ DA SILVA

O proprietario desta padaria participa aos seus amigos e freguezes que vende pão de luxo e de familia de fabrico esmerado.

R. LUZE DE CAMÕES

ALDEGALEGA

A UNIÃO LISBOENSE

J. Rodrigues, L.^{da}

Amplio e bem sortido estabelecimento de Modas, fanqueiro, rouparia e muitos outros artigos.

Preços sem competencia e ao alcance de todos

O seu proprietario pede uma visita á

41. R. DA PRAÇA DA FIGUEIRA, 42

LISBOA

Recibe encomendas de todos os artigos.